

## Avaliação de Roteiros de Turismo Rural: o caso da região Uva e Vinho, Rio Grande do Sul, Brasil

### Rural Tourism Itineraries Evaluation: the study case of Grape and Wine region, Rio Grande do Sul, Brazil

Luiz Ernesto Brambatti<sup>1</sup>

**RESUMO** - Pouca literatura científica trata da avaliação de roteiros de turismo rural, dedicando-se mais à pesquisa e avaliação de destinos consolidados. Por isso o objetivo deste estudo foi abordar a avaliação de roteiros de turismo rural a partir de um estudo dos roteiros rurais da Região Uva e Vinho, no Rio Grande do Sul, Brasil. A metodologia utilizada foi o estudo de caso com abordagem quali-quantitativa, com um recorte temporal que abrangeu desde a formação dos mesmos, a partir de 1993 até o estágio de desenvolvimento em que se encontravam, em 2017, quando foi realizada a pesquisa. A investigação tem suporte teórico na abordagem sociológica e territorial, com indicadores propostos por Miossec (1977), denominados de rupturas qualitativas; Park & Yoon (2011) e Gubert (1995). O padrão de referência sociológico foi identificado como da passagem de um familismo amoral (Banfield 1958), para um familismo eficiente (Brambatti, 2006), com base na teoria da racionalidade de Max Weber (1984). O resultado foi o crescimento desigual dos roteiros avaliados, com diferentes posicionamentos, a nível de gestão, organização interna e posicionamento de mercado. Notou-se que apesar das semelhanças entre os roteiros, o sucesso dos roteiros de Bento Gonçalves e a decadência dos roteiros de Caxias do Sul está relacionado ao empreendedorismo local e às políticas públicas municipais quanto ao turismo, o que refletiu na organização e desenvolvimento dos roteiros rurais.

**Palavras-chave:** Turismo rural. Avaliação de roteiros. Região da uva e vinho.

**ABSTRACT** - There is little scientific literature related to the evaluation of rural tourism itineraries, focusing more on research and evaluation of consolidated destinations. Therefore, the objective of this study was to approach the evaluation of rural tourism itineraries from a study of the rural itineraries of Grape and Wine Region, in Rio Grande do Sul, Brazil. The methodology used was the case study with qualitative and quantitative approach, with a timeframe that ranged from their formation, since 1993 to the development stage that they were in 2017, when the research was conducted. The research has a theoretical support in the sociological and territorial approach, with indicators proposed by Miossec (1977), called qualitative ruptures; Park & Yoon (2011) and Gubert

<sup>1</sup> Estágio de Pós-doutorado na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no Setor Litoral. E-mail: lebramba@gmail.com.

(1995). The sociological reference standard was identified as the transition from amoral familism (Banfield 1958) to efficient familism (Brambatti, 2006), based on Max Weber's theory of rationality (1984). The result was the uneven growth of the evaluated itineraries, with different positions in terms of management, internal organization and market positioning. It was observed that despite the similarities among the itineraries, the success of Bento Gonçalves itineraries and the decay of those from Caxias do Sul is related to local entrepreneurship and municipal public policies, which reflected in the organization and development of rural itineraries.

**Keywords:** Rural tourism. Itineraries evaluation. Grape and vine region.

## 1 INTRODUÇÃO

No Estado do Rio Grande do Sul, assim como em outros lugares do Brasil, o turismo rural iniciou na década de 1990, e se desenvolveu em áreas específicas, como o turismo em fazendas, o ecoturismo, turismo de aventura e o turismo rural da agricultura familiar, organizado em roteiros, como é o caso da Região Uva e Vinho, na Serra Gaúcha.

Na área onde foram implantados assentamentos de colonos europeus, grande parte provenientes do Norte da Itália, precisamente nos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Flores da Cunha, Carlos Barbosa e Monte Belo do Sul, o primeiro ciclo de desenvolvimento foi baseado na produção agrícola familiar, em pequenas propriedades, na produção de uva, vinho e hortifrutigranjeiros. A partir da década de 1960 houve um aumento exponencial no desenvolvimento urbano-industrial nesta região, consequência da política do nacional-desenvolvimentismo do governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960), provocando a migração campo-cidade e a concentração da atividade produtiva na indústria, resultando o segundo ciclo de desenvolvimento da região.

Na década de 1990, paralelamente à conversão vitivinícola para a produção de vinhos finos, à implantação de tecnologias na indústria e a globalização tecnológica, surgiram, nesta região, os roteiros turísticos no espaço rural. Em 1992 foi idealizado o roteiro turístico Caminhos de Pedra, na localidade de São Pedro da Linha Palmeiro, em Bento Gonçalves, no maior conjunto de casas de pedra da região, concebido em parceria entre o arquiteto Júlio Pozenato e o empresário do setor hoteleiro de Bento Gonçalves Tarcísio Michielon.

No mesmo período e município, no território do distrito do Vale dos Vinhedos, o empresário do vinho Juarez Valduga, aproveitando o enorme fluxo de visitantes na Fenavinho, tradicional feira que ocorre em Bento Gonçalves, passou a oferecer jantares típicos coloniais em meio à cantina onde produzia vinhos, experiência que resultou promissora para a comercialização de seus produtos, firmando parceria com o Centro de Treinamento do Banco do Brasil. Assim, bancários de todo o Brasil que vinham à cidade para atividades de aperfeiçoamento, à noite jantavam na Vinícola Valduga (atual Casa Valduga). Logo outros empresários do local aderiram à prática e passaram a oferecer jantares, como Darcy Miolo e Irmãos Brandelli, da Vinícola Dom Laurindo.

Seguindo o mesmo modelo de roteiro na forma de “caminhos”, a Prefeitura de Caxias do Sul estabeleceu uma parceria com a Prefeitura de Flores da Cunha e as duas implantaram em 1997, o roteiro Caminho das Colônias. Este roteiro contou com uma participação maior do poder público. Em julho de 1998, seguindo o mesmo modelo, iniciou-se o Roteiro Turístico da Estrada do Imigrante, como uma iniciativa comunitária da Terceira Légua, localidade rural de Caxias do Sul.

A partir do sucesso destas iniciativas pioneiras, outras localidades da região adotaram o modelo, formando uma rede de roteiros turísticos no espaço rural: Caminhos de Pedra, Caminhos de Faria Lemos e Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves; o Roteiro dos Vinhos dos Altos Montes, promovido pela Associação dos Produtores de Vinhos dos Altos Montes – APROMONTES, de Flores da Cunha; o Roteiro do Vale Trentino, em Forqueta, Caxias do Sul; o roteiro Paisagens do Tempo, em Ana Rech-Caxias do Sul; o roteiro Caminho dos Imigrantes, em Antônio Prado, a Rota dos Espumantes e a Estrada do Sabor, em Garibaldi, Rota dos Tropeiros, em Criúva.

A motivação para o surgimento dos roteiros de turismo no espaço rural nesta região deve-se a um encontro das características geográficas da Serra Gaúcha, o apelo histórico-cultural e a situação dos agricultores e produtores rurais frente à industrialização e urbanização. A atividade turística surge como uma alternativa de geração de renda, de desenvolvimento econômico e manutenção da unidade familiar no entorno da propriedade.

Para Brambatti (2002), o desenvolvimento de roteiros de turismo com características culturais, no espaço rural, reanima a economia existente transformando-se em atividade geradora de outras subsequentes e interligadas, também geradoras de renda. Os roteiros, segundo o autor citado, também provocam uma maior consciência de proteção e preservação do meio rural, das águas, da vegetação, da paisagem natural, no sentido da sustentabilidade. Eles também podem recuperar importantes elementos da cultura tradicional e do folclore, diminuir o êxodo rural e ajudar a manter e melhorar a estrutura pública existente, como escolas, estradas, telefonia, comunicação e internet (BRAMBATTI, 2002).

O objetivo do artigo é realizar uma avaliação dos roteiros de turismo rural da Região Uva e Vinho, após completarem ao menos 15 anos de atividade turística,

utilizando indicadores de avaliação já testados por Park & Yoon (2011) e utilizando categorias sociológicas e territoriais de avaliação.

## 2 MARCO TEÓRICO

O turismo no espaço rural, por ser uma atividade moderna, atraente, dinâmica e rentável, se constitui também como uma forma de fixação dos agricultores diminuindo o fluxo migratório do campo para a cidade, criando, no próprio local, oportunidades de trabalho, ascensão econômica e social. O mesmo afirma Diniz (2018, p. 116), ao defender o turismo no espaço rural como uma forma de “[...] desenvolvimento endógeno, por criar empregos, proporcionar o uso dos recursos locais e o aumento da produtividade agrícola, além de preservar os valores da cultura e dos costumes locais”.

Pouca literatura trata especificamente de indicadores de avaliação no turismo rural. O *International Journal of Tourism Research* (2011) publicou um artigo sobre *Developing sustainable rural tourism evaluation indicators*, escrito por Duk-Byeong Park e Yoo-Shik Yoon, no qual apresentam o resultado de uma pesquisa considerando quatro dimensões de avaliação: 1) Qualidade dos serviços; 2) Instalações; 3) sistema de gestão; 4) resultados. Estas dimensões geraram 11 categorias e 33 indicadores. (PARK; YOON, 2001, p. 410). O estudo baseou-se em pesquisa feita em equipamentos de turismo rural da Coreia do Sul em 2008 e 2009, utilizando a Técnica Delphi, que permite identificar em que estágio de desenvolvimento turístico se encontra uma destinação de turismo rural, análise de riscos e cenários futuros.

Deste estudo foram utilizadas na pesquisa as categorias ‘sistema de gestão’, com as subcategorias de ‘planejamento comunitário de pelo menos 3 anos, adaptado para no mínimo 15 anos; subcategoria de ‘colaboração nos negócios da comunidade’, avaliando a proporção de chefes de família que manejam o turismo, adaptado para o uso de familiares como mão de obra; subcategoria de ‘negócio do turismo’, enfocando a participação do chefe de família no negócio do turismo.

Outro indicador de avaliação foi obtido a partir da teoria do espaço turístico de Miossec (1977), quando o rural é utilizado tanto como espaço de lazer das cidades próximas, quanto para turistas provenientes de centros emissores mais distantes, exigindo estada local. O ritmo do desenvolvimento de um destino turístico, segundo Miossec

(1977) depende da capacidade das organizações de turismo e dos responsáveis pelos destinos em converter ou reconverter o uso do espaço, promovendo ‘rupturas qualitativas’.

Estas rupturas qualitativas podem ser consideradas como saltos que promovem a passagem de uma fase a outra, ou a causa do aumento do fluxo de turistas, como as responsáveis pela evolução dos destinos turísticos, em outros patamares de oferta.

Com base na análise destes modelos consolidados, Miossec (1977), Butler (1980), Park & Yoon (2011), foi possível desenvolver o modelo de avaliação que observa as rupturas qualitativas como fases de desenvolvimento, o crescimento do fluxo e de atrativos locais, com os modelos de gestão, utilizando-se o indicador do familismo eficiente, proposto por Brambatti (2006).

A abordagem territorial refere-se ao espaço geográfico que caracteriza o local em que ocorre o fenômeno do turismo nos roteiros estudados. Cesar (2011, p. 40) afirma que “o território está, semanticamente, associado a classes sociais, e a sua forma de apropriação, domínio e poder, ou como as aspirações e o caráter de um povo ainda o são em função das heranças históricas”.

Os territórios dos roteiros turísticos passaram a ser objeto de normatizações e legislação específica, por serem considerados como áreas de interesse turístico nos planos diretores municipais, ou mesmo uma legislação própria de proteção e tutela territorial, como foi o caso da Estrada do Imigrante, em Caxias do Sul (Lei nº 276 de 02 de maio de 2007). O espaço dos roteiros é privilegiado pela paisagem e marcado por histórias ancestrais, carregado de elementos culturais, arquitetura, hábitos, acrescentado pela estruturação de roteiros turísticos por suas vias. O resultado esperado seria a rápida transformação do território, pela entrada do capital imobiliário, daqueles que vendo a possibilidade de ganhos, adquirirem terras de agricultores para converte-las em loteamentos de luxo e condomínios fechados.

Aquilo que era um espaço produzido pela sucessão histórica (CÉSAR, 2011) torna-se um espaço de uso racional, tanto para os remanescentes do período colonial, que os convertem em espaços de produção industrial, agroindústria vinícola, quanto por investidores externos, interessados na agregação de valor que ocorre sobre as terras e existência de roteiros turísticos. Outro fenômeno correlato é o aumento do preço do

hectare ou metro quadrado no território, proporcionalmente à proximidade com o eixo principal por onde circulam os turistas.

Butler, Hall e Jenkins (1998) consideram que os destinos rurais são mais utilizados para o lazer e o recreacionismo, sem caracterizar o turismo na forma como entende a OMT (Organização Mundial do Turismo), de que o turista deve ficar pelo menos 24 horas no destino. Os destinos rurais procuram diversificar os equipamentos, oferecendo tanto oportunidades de recreação quanto de excursionismo, possibilitando a estada dos turistas por períodos mais prolongados no território. Também procuram oferecer diferentes tipos de produtos para atender as necessidades e desejos de pessoas que não tem familiaridade com o meio rural.

A modernização dos processos agrícolas diminui a presença de famílias em áreas rurais e mesmo os que ainda trabalham no espaço rural, grande parte vive nos centros urbanos, pelas comodidades oferecidas pela cidade e pela facilidade de acesso às áreas rurais.

Finalmente, deve ser observado o familialismo no turismo rural. Ele é uma forma de considerar os valores da família sobre os interesses da comunidade e acima da racionalidade empresarial e burocrática (BANFIELD, 1958), no sentido weberiano. Considera o patriarca da família, o “*capo-família*” como o detentor do poder familiar e a ele cabe a decisão e a palavra final. Especificamente a respeito das famílias italianas, predominantes nos roteiros de turismo rural analisados nesse artigo, Gubert (1995) as identificou como sendo “uma família de origem forte, numerosa, empenhada em transmitir aos filhos os valores e a honestidade, o empenho para o trabalho, a unidade e a harmonia, a obediência de modo claro, persistente e exigente” (GUBERT, 1995, p.210)

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A investigação utilizou o método de estudo de caso. Por se tratar de diferentes roteiros de turismo em diferentes municípios da Região Uva e Vinho, configurou-se como um estudo de multicasos, por ter sido realizado em quatro roteiros turísticos rurais. Nesse método, conforme Yin (2015), procura-se responder as indagações sobre como e por que ocorrem tais fenômenos. Por isso o pesquisador tem baixa intervenção sobre os

comportamentos dos pesquisados ou do fenômeno investigado, principalmente quando o objeto diz respeito a um fenômeno contemporâneo.

Analisou-se a evolução de quatro roteiros rurais da Região Uva e Vinho, Rio Grande do Sul, Brasil, no período entre sua constituição e o ano de realização da pesquisa, 2017, estando os quatro roteiros entre 15 e 20 anos de atividade. Os dados quantitativos fornecem informações de crescimento ou declínio dos roteiros, indicadores de fluxo de visitantes, número de equipamentos de serviços ou atrativos, dados cartográficos, enquanto a pesquisa qualitativa complementa os dados nos aspectos sociológicos de interesse da investigação, como o desenvolvimento de uma racionalidade de tipo empresarial ou de familismo eficiente (BRAMBATTI, 2019).

Foram utilizadas fontes documentais, primárias e secundárias, dados obtidos nos órgãos de urbanismo e planejamento das prefeituras municipais dos territórios dos roteiros e diretamente nas associações de turismo dos roteiros que estão ativas.

Os roteiros selecionados apresentam a mesma tipologia classificatória de roteiros turísticos no espaço rural; estão a distâncias entre 5 e 20 km dos centros urbanos. Geográfica e economicamente contemplam as iniciativas vinculadas ao objeto investigado. A escolha destes roteiros deu-se pelas características comuns a todos, definidas por pertencerem a uma mesma região turística Uva e Vinho.

Para a realização da pesquisa qualitativa foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada aplicada aos proprietários de equipamentos e serviços turísticos nos roteiros e também a atores que tiveram participação na constituição dos mesmos.

TABELA 1- UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA QUALITATIVA

Roteiro	Universo	Amostra
Estrada do Imigrante	7	3
Caminhos da Colônia	7	4
Caminhos de Pedra	26	15
Vale dos Vinhedos	41	6
Total	81	28

FONTE: elaborada pelo autor (2017)

Em cada roteiro foi selecionada uma amostra aleatória de entrevistas, buscando-se contemplar empresários e agricultores familiares que atuam com turismo. Utilizou-se como amostra o total de empreendimentos ativos nos roteiros de turismo, (tabela 1)

considerados pelo *site* da Secretaria de Turismo (Estrada do Imigrante e Caminhos da Colônia) e pelos *sites* de divulgação da associação gestora (Caminhos de Pedra e Vale dos Vinhedos). Os agentes gestores dos roteiros de turismo entrevistados são os coordenadores de associações de turismo ou fundadores dos roteiros turísticos.

#### 4. RESULTADOS

##### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ROTEIROS RURAIS DA REGIÃO UVA E VINHO

Os quatro roteiros investigados tiveram crescimento no número de visitantes no período entre 1993 e 2017. Destaca-se o Vale dos Vinhedos, que em 2016 ultrapassou 400 mil visitantes, apresentando problemas por estar em um espaço rural em que nem os empreendedores e nem o território estão preparados para o turismo de massas.

Os roteiros Caminhos de Pedra e Caminhos da Colônia apresentaram crescimento no número de visitantes, tendo o diferencial de que os turistas podem visitar mais atrativos e empreendimentos no Caminhos de Pedra que no Caminhos da Colônia, onde visitam apenas a Cantina Tonet, as Vinícolas Zanrosso e o orquidário Tradição, que ficam nas proximidades. A Cantina Tonet trabalha com receptivo de ônibus de excursão, provenientes dos contatos diretos que a empresa realiza em outros estados, principalmente São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e da região Nordeste. Já o Vale dos Vinhedos optou pela estratégia do turismo de automóvel, à exceção da Vinícola Miolo e da Casa Valduga, que ainda recebem excursões.

TABELA 2 - FLUXO DE VISITANTES NOS ROTEIROS

<b>Ano /base</b>	<b>1997</b>	<b>2001</b>	<b>2005</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>
Caminhos de Pedra*	9.900	25.965	48.300	83.026	NI
Estrada do Imigrante**	0	2.500	4.600	NI	12.000
Caminhos da Colônia***	NI	NI	NI	47.498	77.655
Vale dos Vinhedos****	NI	45.000	115. 737	397.529	410.149

FONTE: elaborado pelo autor com base em dados fornecidos pelos roteiros (2017)

LEGENDA: \* Controle feito pela Associação Caminhos de Pedra

\*\* Controle feito pelas Casas Bonnet

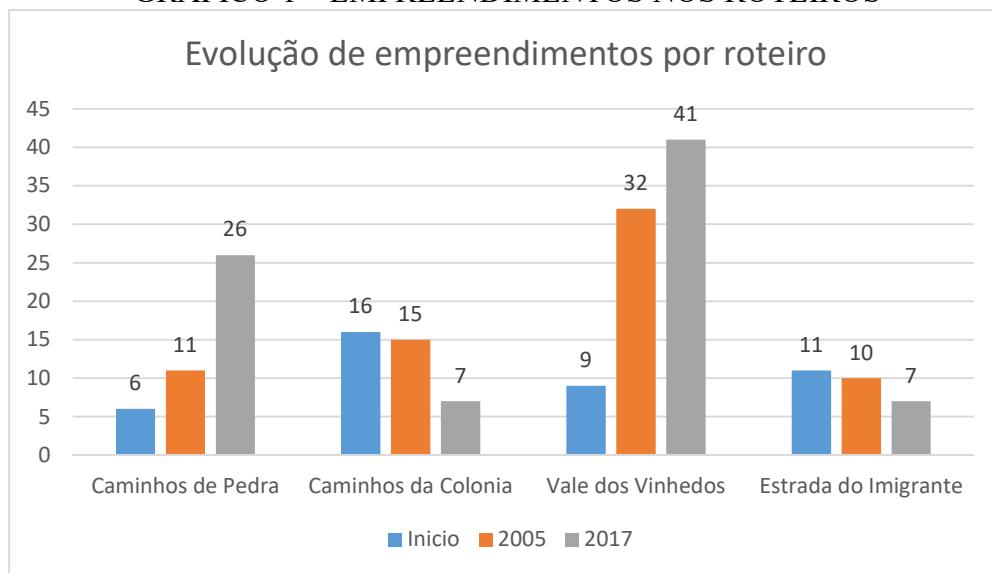
\*\*\* Controle feito pela Cantina Tonet

\*\*\*\* Controle feito pela Vinícola Miolo

NI – Não informado

Pelo indicador do crescimento do fluxo de visitantes, conforme a tabela 2, o roteiro que menos cresceu em número de visitantes foi a Estrada do Imigrante, atingindo o número de 12.000 visitantes em 2016. No roteiro Estrada do Imigrante, os agricultores dedicam-se aos trabalhos agrícolas e a atividade turística é complementar, feita por agendamento ou nos finais de semana e feriados. Este modelo não transforma o agricultor em um empresário do turismo. O turismo passa a ser uma atividade que complementa suas rendas, no seu tempo livre, o que atende ao conceito de sustentabilidade e pluriatividade para a agricultura familiar (GRAZIANO,1999). Os outros roteiros trabalham na perspectiva do turismo *full time*, de forma empresarial.

GRAFICO 1 – EMPREENDIMENTOS NOS ROTEIROS



FONTE: elaborado pelo autor (2017)

Quanto ao comportamento dos empreendimentos e a relação com o número de visitantes, observando-se o ano de constituição, 2005 e em 2017, o roteiro Caminhos de Pedra apresentou um crescimento orgânico linear, aumentando o número de empreendimentos e o número de visitantes no período (tabela 2) . O roteiro Caminhos da Colônia e a Estrada do Imigrante, apresentaram decréscimo no número de empreendimentos, porém com aumento no número de visitantes. O Vale dos Vinhedos foi o roteiro que apresentou o maior crescimento no número de empreendimentos e um crescimento exponencial no número de visitantes, com tendência a turismo de massas.

Sobre a formalidade jurídica ou não, nos roteiros investigados coexistem diversas situações: a) Agricultor familiar que presta serviço ou fornece algum tipo de alimento ou

bebida para os empreendimentos do roteiro. Trabalha como *freelancer*, não emite nota, não tem registro profissional. Recebe por serviços prestados, mediante recibo comum ou sem a necessidade do mesmo. Os acertos são “na palavra”. b) Agricultor familiar que mantém equipamento de serviço ou comércio no roteiro, sem registro comercial e CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica).c) Agricultor familiar ou sociedade familiar do local que mantém equipamento ou comércio no roteiro, na forma de empresa registrada, com CNPJ. d) Empresa externa à comunidade, que se instalou no roteiro. e) Empresa na forma de sociedade aberta, com sócios locais e externos à família e à comunidade.

Os empreendimentos caracterizados como sociedades abertas a sócios se encontram no roteiro Vale dos Vinhedos. As outras tipologias encontram-se presentes nos quatro roteiros investigados.

A respeito do familismo, ele pode ser percebido em vários depoimentos, mas o que ficou mais visível, foi o depoimento do entrevistado E, proprietário de restaurante no Caminhos de Pedra:

A gente tem que voltar à essência. A gente é uma família. A Associação é uma família. A comunidade é uma família e a gente precisa um do outro. Estamos tentando resgatar essa essência, para que eles entendam que a associação não é ter dinheiro e pagar somente. A associação busca trabalhar para todos e não o individualismo.

Segundo o entrevistado F atuante na Estrada do Imigrante, “a família atua com o restaurante, bar e venda de produtos coloniais. Empregamos cinco pessoas da família e em ocasiões especiais, mais cinco pessoas para os serviços. A mãe faz os pães em casa, o agnolini também. A gente compra uma caixa de frango, daí tira um pouco para o consumo da casa. O certo seria separar tudo, mas não tem como”.

A mobilização de familiares para a geração de uma atividade econômica caracteriza o familismo eficiente. É uma ação economicamente orientada a fins racionais tendo como motivação a necessidade de ganhos, reconhecimento, sem, contudo, desconsiderar os valores tradicionais da família. É um sistema misto, no qual valores e princípios do familismo e fins econômicos coexistem. Este modelo se adapta bem ao turismo no espaço rural de forma sustentável, no qual coexistem também as atividades agrícolas com as atividades do turismo.

## 4.2 AVALIAÇÃO POR RUPTURAS QUALITATIVAS

### 4.2.1 Roteiro Estrada do Imigrante

Em 26 de julho de 1998, aconteceu a primeira reunião de moradores da Terceira Légua, nas dependências do Hotel Fazenda Vale Real, em Vila Cristina, para a apresentação da proposta de um projeto de desenvolvimento turístico, com a formação de um roteiro de turismo rural, que tivesse como marco histórico o caminho que os imigrantes italianos fizeram para chegarem a Caxias do Sul, a Estrada do Imigrante.

A partir dos depoimentos e entrevistas com os atores envolvidos na consolidação do roteiro Estrada do Imigrante como produto turístico, pode-se estabelecer as fases de evolução, como rupturas qualitativas, conforme pode-se notar na tabela 3.

**TABELA 3 – FASES DO DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO TURÍSTICO ESTRADA DO IMIGRANTE**

<b>Fase</b>	<b>Ações</b>	<b>Ano início</b>	<b>Ano fim</b>
Fase 1	Implantação, marketing divulgação, estruturação de equipamentos	1998	2000
Fase 2	Produção cultural, realização de eventos e participação no Projeto Urb-Al	1999	2006
Fase 3	Escola de Agroturismo	2006	2007
Fase 4	Desavenças na governança local– Desmobilização cultural Desmobilização de equipamentos	2007	2009
Fase 5	Individualização dos equipamentos – baixo impacto da governança local	2009	2017

FONTE: elaborado pelo autor (2017)

NOTA: \*As datas são aproximadas

O roteiro deixou de atuar coletivamente na fase 4, a partir do surgimento de desavenças internas na associação de gestão. Deixou de atuar com eventos comunitários e ações planejadas. Alguns empreendimentos deixaram de operar, como a Pousada da Ema, Pousada Estrada do Imigrante, o Café da Dona Maria. O Hotel Fazenda Vale Real deixou de realizar os passeios no roteiro. A Escola de Agriturismo passou a ser a Escola Família Agrícola (EFA SERRA). Os empreendimentos passaram a atuar de forma isolada

(fase 5). A Associação de Turismo (Assotur) passou a ter um caráter formal. Raramente ocorrem reuniões e a diretoria não é renovada. Alguns empreendimentos tiveram crescimento isolado: Casas Bonnet, Balneário Arroio Belo e Gruta. Mantiveram-se abertos para visitação turística os empreendimentos Orquidário do Pebi, Museu Zinani, Pousada da Ivete, Vinícola Grutinha. No território atuam ainda o restaurante Saint Germain e o Sítio Camati- espaço de Eventos, porém sem uma integração orgânica com o roteiro.

#### 4.2.2 Roteiro Caminhos da Colônia

Iniciado a partir de uma parceria entre as secretarias de turismo de Caxias do Sul e de Flores da Cunha, o roteiro Caminhos da Colônia conseguiu a adesão de inúmeros empresários e agricultores para o turismo. O roteiro iniciava na Igreja de São Pelegrino, passava pela Casa de Pedra, Cantina Pão e Vinho, dirigia-se até a comunidade de Nossa Senhora da Saúde, onde seguia por dois caminhos até Otávio Rocha. Pela Linha 40, passando pelas vinícolas da família Zanrossi e Cantina Tonet, ou pela estrada de Santa Giustina, passando pelo restaurante Nonna Giulia. A tabela 4 descreve as fases do roteiro.

**TABELA 4 - FASES DO DESENVOLVIMENTO DO ROTEIRO TURÍSTICO  
CAMINHOS DA COLÔNIA**

<b>Fase</b>	<b>Ações</b>	<b>Ano inicio</b>	<b>Ano fim</b>
Fase 1	Implantação, marketing divulgação, estruturação de equipamentos- formação de empreendedores	1997	2000
Fase 2	Participação no Projeto Urb-Al Investimentos do Estado	2000	2007
Fase 3	Aumento de visitantes por conta da situação econômica do país	2005	2012
Fase 3	Desarticulação de equipamentos por questões particulares e desmotivação	2009	2015
Fase 5	Individualização dos equipamentos –Foco no enoturismo Baixo impacto da governança local	2009	2017
Fase 6	Conurbação – Condomínios residenciais	2011	2017

FONTE: elaborado pelo autor (2017)

Durante os primeiros anos de atividades, havia maior sintonia entre as administrações municipais e o roteiro, uma vez que este havia sido criado por iniciativa do próprio poder público. Com o decorrer do tempo, os secretários de turismo que se sucederam, não consideravam mais o Caminho das Colônias como necessitando de ajuda, pois lhes parecia ser um roteiro já consolidado. No zoneamento urbano de Caxias do Sul, parte do território dos Caminhos da Colônia foi transformado em área urbana, constituindo o bairro Linha 40. O Plano Diretor de 2007 considerou o território como ZIT – Zona de Interesse Turístico. Houve o enfraquecimento da associação e os empreendimentos passaram a agir individualmente no receptivo dos turistas, como a Cantina Tonet e Vinicola Zanrossi (fase 5). Os condomínios e loteamentos estão avançando sobre o território da Linha 40, provocando conurbação e aumento do valor dos imóveis (fase 6) da Tabela 4.

#### 4.2.3 Roteiro Vale dos Vinhedos

Oficialmente o roteiro Vale dos Vinhedos inicia com seis vinícolas fundadoras da Associação dos Produtores de Vinhos Finos – Aprovale. Para o entrevistado A o crescimento do roteiro foi orgânico, não passou por saltos de crescimento. Referiu-se a um crescimento numérico de visitantes. No entanto, outros entrevistados B e C consideram que houveram fases importantes no desenvolvimento do roteiro, conforme pode-se notar na tabela 5.

TABELA 5 - FASES DO DESENVOLVIMENTO DO VALE DOS VINHEDOS

Fase	Ações	Ano inicio	Ano fim
Fase 1	Criação da Aprovale, marketing divulgação, estruturação de cantinas para receber visitantes	1994	2006
Fase 2	Indicação de procedência e Denominação de Origem	2001	2010
Fase 3	Acordo de sinalização com a VISA (cartão de crédito)	2006	atual

FONTE: Elaborado pelo autor (2017)

O roteiro Vale dos Vinhedos adquire organicidade com a criação da Aprovale, Associação dos Produtores do Vale dos Vinhedos, em 1994, de iniciativa dos empresários

produtores de vinho (Tabela 5). A realização da Fenavinho e o empreendedorismo dos produtores locais permitiu a rápida inserção no mercado do enoturismo (fase1). Com a conquista da indicação de procedência dos vinhos do Vale dos Vinhedos, os produtos locais ficaram mais valorizados, aumentando as rendas dos produtores, que reinvestiram os ganhos em melhorias de seus equipamentos (fase 2). Um acordo de sinalização turística foi feito com a empresa VISA, cartões de crédito, permitindo aos turistas circular pelo roteiro com informações (fase3). Mas a ruptura que realmente serviu para dar impulsão ao roteiro foi a indicação de procedência e denominação de origem dos vinhos do Vale dos Vinhedos.

#### 4.2.4 Roteiro Caminhos de Pedra

O roteiro Caminhos de Pedra de Bento Gonçalves tem seu início a partir de 1993, quando o arquiteto Julio Posenato redigiu o Projeto de Recuperação e Valorização Cultural do Distrito de São Pedro (Colônia São Pedro), que foi apresentado no Ministério da Indústria, Comércio e Turismo; Conselho Estadual de Cultura, Emater (Empresa de Assistência e Extensão Rural) e outros órgãos. O projeto previa a instalação de 84 casas voltadas aos fazeres e saberes culturais italianos, projetos, restaurações, atividades educativas e culturais, no total de 110 ações denominadas de ‘componentes do projeto’ (POSENATO, 1998, p. 58). O problema estava no financiamento do restauro destas construções. Em 1990, o arquiteto Júlio Posenato se encontrou com o engenheiro Tarcísio Michelon, gerente do Hotel Dall’Onder, que afirmou ser o turismo o instrumento que poderia viabilizar tanto a restauração das casas, o desenvolvimento econômico do lugar e a dinamização cultural. O Hotel Dall’Onder realizou a restauração das quatro primeiras casas. Segundo o entrevistado D “em abril de 1992, foi levado o primeiro grupo da CVC (Carlos Vicente Cerchiari) Turismo na Cantina Strapazzon, onde tem até uma placa lá sinalizando esse momento marcante nessa época”. A tabela 6 apresenta as rupturas qualitativas do roteiro Caminhos de Pedra.

TABELA 6 – FASES DO DESENVOLVIMENTO DO CAMINHOS DE PEDRA

Fase	Ações	Ano inicio	Ano fim
Fase 1	Início das restaurações – vínculo com o Hotel Dall’Onder – Casa Strapazzon	1993	1998
Fase 2	Criação da Associação Caminhos de Pedra, marketing divulgação, estruturação de casas para receber visitantes. Projeto da LIC (Lei de Incentivo à Cultura) e investimentos em restauração e na preparação de atrativos Casa do Tomate, Casa da Ovelha, Vinícola Salvati, Casa da Erva Mate, Doces Percebo, Casa da tecelagem	1994	2005
Fase 3	Construção do asfalto nos Caminhos de Pedra	2003	2004
Fase 3	Projeto LIC Fase 2	2005	atual
Fase 4	Novos investidores externos	2003	atual
Fase 5	Qualificação de equipamentos e ampliação do Parque da Ovelha e Parque Domadores de Pedras	2005	atual

FONTE: elaborado pelo autor (2017)

O roteiro Caminhos de Pedra apresenta um planejamento inicial com metas claras de estabelecer um roteiro turístico que conserve, restaure, implemente 84 casas, com produção associada ao turismo ligada à cultura italiana local. O projeto obteve apoio da Lei de Incentivo à Cultura Estadual (RS) e Federal. Estes recursos permitiram a restauração e início do roteiro (fase2). A ligação asfáltica com Bento Gonçalves e com a RS 122 permitiu a facilidade do acesso, aumentando o número de visitantes (fase 3). A partir de 2003 investidores externos implementaram atrativos e equipamentos no roteiro, ampliando a oferta (fase 4). A qualificação dos equipamentos, sob a gestão da associação Caminhos de Pedra, a ampliação do Parque da Ovelha e a instalação do Parque Domadores de Pedras permitiram, a partir de 2005, o aumento do fluxo, bem como da qualidade da oferta.

TABELA 7- FLUXO DE VISITANTES CAMINHOS DE PEDRA

Ano	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Visitantes	9.900	11.100	20.120	21.446	25.965	29.572	45.212	51.097	48.300	42.777
Ano	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	
Visitantes	47.974	54.190	49.132	58.840	66.032	59.139	63.403	62.531	83.026	

FONTE: Associação Caminhos de Pedra, 2017

Segundo o controle de visitantes da Associação Caminhos de Pedra, o número de visitantes vem crescendo ano a ano (tabela 7), atingindo em 2015, mais de 83 mil visitantes. Numa trajetória de 24 anos, o roteiro Caminhos de Pedra partiu de seis empreendimentos em 1993, em 2005 estava com 11 empreendimentos e em 2017 apresentava 26 empreendimentos.

Após a investigação de campo e aplicação dos indicadores, constatou-se que, dos quatro roteiros investigados, dois prosperaram enquanto roteiros: Caminhos de Pedra e Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves e dois estagnaram e estão em decadência: Estrada do Imigrante e Caminhos da Colônia de Caxias do Sul, muito embora apresentem crescimento numérico de visitantes. Nestes roteiros, observa-se equipamentos que prosperaram e recebem visitantes isoladamente. Da mesma forma e por consequência causal, as governanças locais dos roteiros prósperos continuam ativas e protagonistas do processo de desenvolvimento do roteiro, enquanto que nos roteiros decadentes, as associações encontram-se desmotivadas, sem liderança e protagonismo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notou-se que apesar das semelhanças entre os roteiros, o sucesso dos roteiros de Bento Gonçalves e a decadência dos roteiros de Caxias do Sul está relacionado às políticas públicas municipais que se diferem quanto ao turismo e isso refletiu na organização e desenvolvimento dos roteiros rurais. Observou-se também que os dois roteiros que prosperaram enquanto roteiros turísticos foram aqueles com maior participação do empreendedorismo privado, do tipo empresarial, pois houve investimento de capital. Nestes roteiros, o turismo é visto como negócio. “O empreendedorismo está na veia, no sangue”, afirmou Marcio Brandelli, presidente da Aprovale.

Nos roteiros de Caxias do Sul, Estrada do Imigrante e Caminhos da Colônia, tiveram sua gênese na iniciativa pública e comunitária. Não houveram grandes investimento de capital. A concepção de turismo rural nestes roteiros é de renda complementar e não de negócio privado, lucrativo e autônomo, com exceção das vinícolas, que já atuavam e atuam como empresas.

Outros fatores podem ser considerados como determinantes. Bento Gonçalves vêm investindo há mais de 20 anos na oferta em turismo. Absorve boa parte dos turistas que circulam em Gramado e Canela, criando um fluxo na Serra Gaúcha, da região das Hortênsias para a região Uva e Vinho, em função do Trem Maria Fumaça, dos eventos realizados, da qualidade dos vinhos, dos espumantes, da gastronomia, da hospitalidade, do artesanato e produtos coloniais, o que ocorre majoritariamente nos espaços rurais. Caxias do Sul não renovou sua oferta turística nem aprimorou a comercialização, embora tenha suficiente infraestrutura e qualidade de oferta.

Para os agricultores familiares, o turismo é uma atividade que permite a manutenção da estrutura de trabalho familiar, aumentando a possibilidade de ganhos, enquanto que para os empresários, o turismo é uma diversificação de negócio que pode se tornar o negócio principal, com ou sem família envolvida, dependendo da dimensão que tomar.

Observou-se que vinícolas bem posicionadas no mercado e presentes nos roteiros não necessitariam da presença de seus proprietários ou familiares no atendimento. Ao serem indagados sobre isto, os empresários que atuam diretamente no atendimento afirmam que perceberam que os turistas preferem ser atendidos pelos proprietários, compram mais e se tornam fiéis à marca. Sentem-se orgulhosos de terem falado ‘com o dono’.

Trata-se de uma ação de orientação para o sucesso, para o ganho, como *need for achievement* (MCCELLAND,1961), denunciando um paradoxo entre uma sociedade que mantém características de uma sociedade tradicional e costumes rurais, muito próxima do meio urbano, com fortes traços de conservadorismo, mas altamente influenciada pelo modo de produção capitalista, como afirma Weber (2012).

O agricultor familiar vive a modernização-urbanização, que tem na atividade do turismo um dos indutores, ainda é proprietário de um meio de produção, a terra, integrando o sistema produtivo da sociedade pós-industrial, na qual está o turismo. A orientação de suas ações econômicas mantém elementos do familismo, remanescentes da tradição cultural e da ética religiosa e comunitária.

Como parte desta lógica, o negócio do turismo introduz o agricultor em técnicas e instrumentos da economia moderna, como o marketing, o *e-commerce*, criando

possibilidades maiores de comercialização, principalmente pelo aumento do fluxo de demanda de seus produtos.

Alguns dados não foram possíveis de encontrar pela falta de estatísticas e controle de visitantes. Os dados de fluxo existentes são disponíveis pelos controles das associações ou de equipamentos isolados, o que impõe limites à presente pesquisa. Como implicações teóricas e práticas, sugere-se aos órgãos gestores do turismo nos municípios envolvidos, a implantação de um sistema de controle de fluxo de demanda, bem como uma legislação de proteção e tutela territorial, a exemplo do roteiro Estrada do Imigrante, coibindo a instalação de loteamentos, condomínios, indústrias e a alteração da paisagem rural.

Sugere-se para investigações futuras a abordagem de temas como a comercialização de roteiros rurais e a legislação tributária inerente aos agricultores que trabalham com turismo. Também é relevante o acompanhamento dos Roteiros da região Uva e Vinho a cada dez anos, adotando indicadores não utilizados nesta investigação.

## REFERÊNCIAS

APROVALE . Associação dos produtores de vinhos finos do vale dos vinhedos; Disponível em: <<http://www.valedosvinhedos.com.br/vale/index.php>>. Acesso em: 14/01/2017.

BANFIELD, E. C. **The moral basis of a backward society**. Nova York: The Free Press, 1958.

BRAMBATTI, L. E. **Racionalização, cultura e Turismo**. 2006. 265p. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BRAMBATTI, L. E. O familismo eficiente em turismo no espaço rural. In: TAVARES, G. (org). **Turismo, lazer e negócios**, Ponta Grossa, Athena, 2019, p.170-183. Disponível em <<https://www.atenaeditora.com.br/arquivos/ebooks/turismo-lazer-e-negocios>>. Acesso em: 10 out. 2019

BRAMBATTI, L.E. (Org.) **Roteiros Turísticos e Patrimônio Histórico**: Porto Alegre, Est Editora, 2002.

BUTLER, R.; HALL, M.; JENKINS, J. **Tourism and recreation in rural areas**, Chichester, England: John Wiley & Sons Ltd., 1998.

BUTLER, R. The concept a tourist are life cycle of evolution implications for management of resources. **The Canadian Geographer**, v.24, n.1, p.5-12, jun.1980. Disponível em :

<[https://www.researchgate.net/publication/228003384\\_The\\_Concept\\_of\\_A\\_Tourist\\_Area\\_Cycle\\_of\\_Evolution\\_Implications\\_for\\_Management\\_of\\_Resources](https://www.researchgate.net/publication/228003384_The_Concept_of_A_Tourist_Area_Cycle_of_Evolution_Implications_for_Management_of_Resources)>. Acesso em: 10 set. 2017.

**CESAR, P. A. B. Turismo e Desenvolvimento Sustentável.** Caxias do Sul: EDUCS, 2011.

DINIZ, F.; OLIVEIRA, I. D. Turismo e Desenvolvimento Regional, uma perspectiva do Turismo em espaço rural na Serra do Marão, em Portugal. **Turismo e Sociedade**, v. 11, n.1, p. 113-127, jan./abr. 2018.

GUBERT, R; POLLINI, G.(Org.). **Cultura e Sviluppo**: Un'indagine sociologica sugli immigrati italiani e tedesche nel brasile meridionale. Milano, Italia: Franco Angeli, 1995.

GRAZIANO DA SILVA. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: IE/UNICAMP, 1999.

McCLELLAND, D. C. **The Achieving Society**. Van. Nostrand Company: Princeton, 1961.

MIOSSEC, J. Un modèle de l'espace touristique. **L'Espace Géographique**, v.6, n. 1, p.41-48, 1977. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/spgeo\\_0046-2497\\_1977\\_num\\_6\\_1\\_1690](https://www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1977_num_6_1_1690)>. Acesso em: 14 jun. 2017.

PARK, D.; YOON, Y. Developing sustainable rural tourism evaluation indicators, **International Journal of Tourism Research**, v. 13, n. 5, p. 401-415, set./out. 2011. Disponível em:  
<[https://www.researchgate.net/publication/230546824\\_Developing\\_Sustainable\\_Rural\\_Tourism\\_Evaluation\\_Indicators](https://www.researchgate.net/publication/230546824_Developing_Sustainable_Rural_Tourism_Evaluation_Indicators)> Acesso em: 20 out.2017.

WEBER, M. **Economia y Sociedad**. México: Fondo de Cultura, 1984.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Recebido em: 28-10-2019.

Aprovado em: 14-11-2019.

Versão aprovada para publicação em: 15-11-2019.